

À conversa com... Isabel Santos

GD: De que gosta muito?

RE: Música, teatro, bailado e ópera. Depois, noutros campos, gosto de tripas e claro, adoro o meu neto.

GD: O que detesta?

RE: Detesto a parvoíce e a estupidez. É importante referir que aquilo de que não gosto mesmo é de actuações estupidas, de pessoas que se acham mais que os outros. Não gosto de que me atirem areia para os olhos.

GD: Vê o avançar da idade como um passo a mais ou um passo a menos?

RE: Claramente como um passo a mais, muito mais, muito mais...

GD: Quando descobriu que tinha talento?

RE: Desde o liceu; muito incentivada por excelentes professores de português que tive. Em função dos meus resultados, sempre me foram dizendo que eu tinha talento.

GD: O propósito da sua arte é servir os outros ou servir a arte?

RE: Depende. No livro que escrevi não tive a veleidade de ensinar nada a ninguém, mas é possível tirar dali ilações e conclusões. Depende de cada um. Mas arte é um conceito muito amplo; tanto pode ser uma flor que nasce num sítio inusitado como uma grande pintura ou obra musical. Mas em concreto, não escrevo para servir a arte, sou até eu que vou à arte buscar algo de que gosto muito.

GD: Quem é o seu escritor de eleição?

RE: Tenho dois.

Almeida Garrett: Por ser para mim o maior. Mais completo e cuja personalidade ainda hoje fascina.

Camilo: Não obstante a complexidade de carácter, por ter sido o melhor "fotógrafo" da sociedade do seu tempo, traduzindo em romances de enredos fantásticos 1001 personagens que, sem ele, teriam ficado no esquecimento.

Almeida Garrett e Camilo Castelo Branco

Sou garrettiana e camiliana a 200%

Hahahaha

GD: O que é mais gratificante: passar uma hora a ensinar história ou uma manhã a dançar com as palavras escritas?

RE: Ambas. É-me difícil escolher. Quando estou a ensinar história, procuro fazê-lo de forma a incentivar o gosto por tudo aquilo que já fomos e representamos enquanto povo e nação. Contrariamente ao que alguns julgam, nós não somos pequeninos – já fomos grandes e continuamos grandes.

A dança das palavras é um fascínio. Olhe, Rui, é o que quiser. É um deserto, é uma encruzilhada, é um labirinto. É muito estado de alma em simultâneo.

GD: Quem é o seu ídolo?

RE: Almeida Garrett. Posso explicar porquê. Grande escritor, grande pessoa, grande patriota, grande soldado e grande orador. Aconselho a lerem os discursos parlamentares dele. Ele falava e arrebatava completamente aquela assembleia.

GD: A sorte somos nós que a fazemos?

RE: Claramente sim.

GD: Picasso disse em tempos: «A inspiração quando chega, encontra-me sempre a trabalhar.» Também lhe acontece isso, ou só pega na caneta quando se sente inspirada?

RE: Eu tenho muitas inspirações nas várias alturas do dia. Mas... eu gosto de “mastigar” os meus pensamentos. Tenho vindo a descobrir que sou detentora de uma excelente memória, e, como tal, vou registando... e quando tenho oportunidade, pego na esferográfica e passo para o papel.

GD: Na vida qual é a regra do jogo?

RE: Pergunta complicada... Consciência tranquila. Em todas as ocasiões. Deitar-me na almofada reconciliada e tranquila.

GD: Depois de uma vida a trabalhar num banco, a dar aulas de história, a ser escritora, a fazer teatro, a dar palestras, a ser mulher, mãe e avó, o que lhe falta fazer?

RE: Aprender a tocar piano. Não vou morrer sem aprender a tocar... Foi a única falha na educação que o meu pai me deu... ☺... Se é que se pode considerar isso uma falha.

GD: O que é que sente um professor quando vê uma turma que começa com 9 alunos e de repente se vê a trabalhar com 46?

RE: Um profundo orgulho e a certeza de que realmente a comunicação quando é bem canalizada vai tocar e atrair pessoas.

GD: Já percebemos que é uma mulher de desafios. Qual é o próximo?

RE: Tirar o livro da cabeça e finalmente lança-lo cá para fora.

GD: Se lhe derem uma caixa de limões o que faz: limonada ou caipirinha?

RE: Tem de ser uma dessas duas?

GD: Não... claro que não, Isabel!

RE: Ok, faço uma tarte de limão.

GD: Ah, ah, ah, ah... boa! Está zangada com alguém?

RE: Sim, ainda estou.

GD: Quem punha na prisão?

RE: Isso agora... tanta gente. Embora eu ache que a prisão não melhora as pessoas.

GD: É apologista da pena de morte?

RE: Não, mas sou apologista da prisão perpétua, que na minha opinião castiga muito mais.

GD: O que é que a idade nos oferece?

RE: Traz-nos a sabedoria que nos terá feito falta em idades anteriores. Sou partidária daquilo que o Herman José diz: «Devíamos nascer velhinhos, e depois andar para trás.» Porque da forma como a nossa existência acontece, o período bom da vida é demasiado curto.

GD: E o que é que ela nos tira?

RE: Tira-nos entes queridos e pessoas de quem gostamos.

GD: Olhando para trás, qual a sua maior conquista?

RE: Para além do óbvio, que são os meus filhos, vou responder-lhe que tem sido o facto de me conseguir conhecer a mim própria.

GD: O livro da vida?

RE: *O Arco de Sant'Ana*

GD: O filme mais, mais, mais...?

RE: *Ben-Hur*

GD: É mais de olhar para a árvore ou para a floresta?

RE: Para a floresta. A floresta, para mim, representa o mundo, e eu gosto muito de olhar para pessoas, não para uma pessoa.

GD: Acredita no destino ou apenas na capacidade de mudar?

RE: Acredito na capacidade de mudar, sem dúvida nenhuma.

GD: Tem saudades de quê?

RE: Dos cheiros da minha infância. Tenho uma memória olfativa muito forte. Lembro-me do fascínio de ir a uma manteigaria e olhar para aquelas taças de manteiga fresca. Lembro-me de ir à mercearia, e

quando senhor abria a caixa das bolachas de baunilha e vinha de lá aquele cheiro maravilhoso e único. Lembro-me do cheiro de quando a minha avó fazia uma carne frita com farinha de milho e nabiças. Tenho saudades disso.

Não tenho saudades da infância, embora tenha sido muito boa. Acredito em que a vida ainda está para vir. Gosto de acreditar em que faço o possível para que o meu dia valha a pena. Não gosto de olhar para ele como se fosse o último. Não é esse o objectivo. Aquilo que me norteia é garantir que cada um deles, por si só, valeu a pena.

GD: Como é que gostava de ser recordada pelos seus colegas do banco?

RE: Gostava de que algumas pessoas com quem convivi me recordassem de uma forma generosa e fossem simpáticas comigo, da mesma forma que eu fui com elas.

GD: O que queria ser quando era menina?

RE: Bailarina. Essa é a minha pedra no sapato. Fiz *ballet* dos 3 aos 17 anos. Tinha jeito. Aos 17 anos, tive na minha mão uma bolsa de estudo para ir para o Royal Ballet de Londres. Mas na altura o meu pai achou que eu não devia ir.

GD: O que quer ser quando for velhinha?

RE: Gostava de que os meus netos gostassem da avó.

30. Responda – Com uma palavra apenas

GD: Qual o seu prato favorito?

RE: Cozido à portuguesa com farinheira

GD: Teatro ou cinema?

RE: Teatro

GD: Aulas ou palestras?

RE: Ambas 😊

GD: Livro ou crónicas soltas?

RE: Livros

GD: Primavera ou Verão?

RE: Inverno

GD: Beijo ou abraço?

RE: Abraço

GD: Romance ou comédia?

RE: Romance

GD: Manhã ou tarde?

RE: Noite; madrugada

GD: 25 de Abril

RE: Bem-vindo

GD: Pinto da Costa

RE: "Varandas" 😊

GD: Filme ou livro

RE: Livro

GD: Grupo Desportivo BPI

RE: Necessário e fundamental

Por Rui Duque, 5-02-2019